

ANDRÉ BUENO · CARLOS EDUARDO CAMPOS · AIRAN BORGES



ENSINO DE HISTÓRIA ANTIGA



**SOBRE ONTENS
EDIÇÃO ESPECIAL
EBOOK.2020**

**Reitor:**

Prof. Dr. Marcelo Augusto Santos Turine - UFMS

Vice-Reitora:

Profa. Dra. Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Esporte:

Prof. Dr. Marcelo Fernandes.

Direção da Faculdade de Ciências Humanas:

Profa. Dra. Vivina Dias Sol Queiroz

Coordenação do Curso de História:

Prof. Dr. Cleverson Rodrigues



**SOBRE ONTENS
EDIÇÃO ESPECIAL
EBOOK.2020**

Edições Especiais Sobre Ontens

Comissão Editorial & Científica

Dulceli Tonet Estacheski [UFMS]

Everton Crema [UNESPAR]

Carla Fernanda da Silva [UFPR]

Carlos Eduardo Costa Campos [UFMS]

Gustavo Durão [UFPI]

José Maria Neto [UPE]

Leandro Hecko [UFMS]

Luis Filipe Bantim [UFRJ]

Maria Elizabeth Bueno de Godoy [UEAP]

Maytê R. Vieira [UFPR]

Nathália Junqueira [UFMS]

Rodrigo Otávio dos Santos [UNINTER]

Thiago Zardini [Saberes]

Vanessa Cristina Chuailo [UNIRIO]

Washington Santos Nascimento [UERJ]

Rede:

www.revistasobreontens.site

**Coordenador do ATRIVM / UFMS:**

Prof. Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos

Rede: <https://www.atrivmufms.com/>

Ficha Catalográfica

Bueno, André; Campos, Carlos Eduardo; Borges, Airan (org.)
Ensino de História Antiga. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Sobre
Ontens/UFMS, 2020. ISBN: 978-65-00-02134-9 160pp.

Ensino de História; História Antiga; Antiguidade Clássica.

Sumário

POR UM ENSINO DOS ESTUDOS DA ANTIGUIDADE - REFLEXÕES.....	5
O USO DA ARTE NO ENSINO DA ANTIGUIDADE TARDIA por Ana Lucia Santos Coelho e Ygor Klain Belchior.....	8
PHYSIS EN LA ANTIGUA GRECIA por Arturo S. Sanz	17
ENSINO DE HISTÓRIA ANTIGA E AS POTENCIALIDADES DA CULTURA MATERIAL: EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES por Airan dos Santos Borges e Carlos Eduardo da Costa Campos	23
REFLEXÕES SOBRE O DIÁLOGO PARA OS ESTUDOS DA ANTIGUIDADE por Cristina de Souza Agostini.....	36
A BNCC E O ESTUDO DA ÁFRICA E DO EXTREMO ORIENTE ANTIGOS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: RETROCEDEMOS? por Leandro Mendonça Barbosa.....	44
A HQ “OS 300 DE ESPARTA” E O ENSINO DE HISTÓRIA – CONSIDERAÇÕES, IDEIAS E ALTERNATIVAS por Luis Filipe Bantim de Assumpção	50
POR UM MUNDO ANTIGO DE CONTATOS: UMA PROPOSTA DE USO DO FILME ALEXANDRIA EM SALA DE AULA por Thiago de Almeida Lourenço Cardoso Pires	62
O LUGAR DA ANTIGUIDADE NOS PROGRAMAS DE HISTÓRIA: DA DISSOLUÇÃO DO CURRÍCULO HUMANÍSTICO AOS DEBATES SOBRE A BNCC por Alessandro Mortaio Gregori	67
REVISTA EM QUADRINHOS COMO RECURSO DIDÁTICO À DISCIPLINA DE HISTÓRIA ANTIGA por Allef Gustavo Silva dos Santos	75
HELENISMO E AS SOCIEDADES CLÁSSICAS OCIDENTAIS: UMA BREVE REFLEXÃO por Avelino Gambim Júnior	81
UMA PONTE PARA A ANTIGUIDADE: O PENSAMENTO FILOSÓFICO GREGO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL por Benigna Ingrid Aurelia Bezerril e Krishna Luchetti	86
O ENSINO DAS LETRAS CLÁSSICAS PARA O ESTUDO DA ANTIGUIDADE – UMA PROPOSTA METODOLÓGICA por Carlos Eduardo Schmitt	93
A HISTÓRIA ANTIGA PRESENTE NO LIVRO DIDÁTICO por Carolina Lima Costa	98
PIBID EM PRÁTICA: METODOLOGIA PARA TRABALHAR A CULTURA DO EGITO ANTIGO NO ENSINO FUNDAMENTAL por Cibeli Grochoski e Milliann Carla Strona.....	104
O ENSINO DA ANTIGUIDADE ROMANA: UMA REVISÃO HISTORIOGRÁFICA DE REPRESENTAÇÕES EM LIVROS DIDÁTICOS por Daniel Roberto Duarte Granetto.....	111
A RIQUEZA DO CONTINENTE AFRICANO: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA por Isabelle Fogaça de Almeida	118
UM PASSEIO PELA ANTIGUIDADE CLÁSSICA: RECONSTRUINDO O PASSADO COM O ASSASSIN’S CREED ODYSSEY DISCOVERY TOUR por Isaias Luis dos Santos Junior.....	126

RELATO DE EXPERIÊNCIA: <i>0,50 CENTAVOS DE GRÉCIA ANTIGA</i> , A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E OS USOS DO PASSADO por Jacquelyne Taís Farias Queiroz	133
NÓS E OS ANTIGOS: USOS DA LITERATURA CLÁSSICA EM MANUAIS DE ENSINO DE HISTÓRIA OITOCENTISTAS por José Petrócio de Farias Júnior e Gizeli da Conceição Lima	137
POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO ENTRE HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DO LIVRO DIDÁTICO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O EGITO ANTIGO por Raimundo Nonato Santos de Sousa e Ruan David Santos Almeida	146
ENTENDENDO E REFLETINDO: EDUCAÇÃO NA CHINA ANTIGA E SEUS POSSÍVEIS ENSINAMENTOS PARA O AMBIENTE ESCOLAR BRASILEIRO por Ruan David Santos Almeida.	153

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: 0,50 CENTAVOS DE GRÉCIA ANTIGA, A
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E OS USOS DO PASSADO**
Jacquelyne Taís Farias Queiroz

A Educação da atualidade busca cada vez mais se afastar da aprendizagem mecânica. Tal questão se tornou o centro das atenções entre os estudiosos acadêmicos e o motivo de inúmeras reuniões pedagógicas nas instituições de ensino públicas e particulares. Tem-se buscado valorizar o saber e a vivência que o aluno traz consigo para iniciar um processo de ensino-aprendizagem nas mais diversas disciplinas.

Para Ronca [1980, p. 70-72], no processo da aprendizagem significativa o professor tem o papel do organizador, onde vai estabelecer uma ponte entre o que o aluno já traz de vivência/experiência e aquilo que ele precisa saber. Inclusive utilizando de comparativos que demonstrem semelhanças e diferenças entre ambos os conjuntos de ideias. Dessa maneira o conteúdo a ser aprendido adquire um potencial de significado para o aluno facilitando a aprendizagem e retenção.

A aprendizagem significativa vem de maneira harmônica e coerente colaborar com a atuação do professor de História, pois, para Rocha [2001, p. 50-51], este pode proceder de uma maneira que possibilita o aluno fazer uma leitura objetiva da realidade que o cerca, utilizando como ponto de partida o imaginário do discente, o que se pretende: “na verdade, é que as representações do aluno, conscientes ou não, possam servir de elo entre o que ele já sabe e o que se supõe necessário que ele venha a saber” [Rocha, 2001, p. 62- 63].

Em diversas circunstâncias o saber que o aluno leva para as aulas que envolvem o estudo da História Antiga [sejam no Ensino Fundamental II, Ensino Médio ou Ensino Superior] são frutos dos imaginários, imagens, informações relacionadas à maneira como a política, a indústria cultural e o capitalismo em si recebem e utilizam dos diversos aspectos da Antiguidade para legitimar suas ações. Como por exemplo, no filme *Os 300 de Esparta* (2007), onde apresentou-se os gregos como belos heróis em oposição aos persas incivilizados horrendos, pois a produção fílmica somente: “traduziu em palavras e imagens, representações em voga desde a Antiguidade, e que vem sendo amiúde retomada desde o início da Idade Moderna para opor de modo irreconciliável duas esferas, a saber: o Oriente e o Ocidente” [Cordeiro; Souza Neto, 2018, p. 265-268]. Deixando bem perceptível e clara a prática do Orientalismo [Said, 2013, p. 29] da atualidade em um filme com temática relacionada ao mundo antigo.

No meio acadêmico, tem-se gerado discussões em torno da ideia do mundo antigo como presença marcante na modernidade, reformulada para atender os interesses e afirmações identitárias do presente em diversos âmbitos e setores de nossa sociedade. [Gralha; Garraffoni; Funari; Rufino; Silva, 2019, p. 11]. Nesse sentido, para tornar a aprendizagem de diversos aspectos da Antiguidade mais significativos tenho buscado construir

pequenas crônicas denominadas *0,50 centavos de Grécia Antiga* disponíveis no blog *Sofia e as Corujas* - o link de acesso encontra-se nas referências da presente comunicação, onde faço o exercício de identificação dos usos do passado ou da maneira como a Antiguidade é recepcionada através da análise de produtos comercializados, empresas e locais de visitação pública, na tentativa de perceber a relação entre a nomenclatura dos produtos/locais e a sua finalidade.

Por que a indústria ao batizar seus produtos conclamam os deuses gregos antigos? Apesar da religião cristã ocidental e oriental demonizar e exorcizar as divindades gregas a todo o tempo, é perceptível que eles estão mais presentes entre nós mais do que nunca. Pois também se apresentam nos dias de hoje como constante fonte de inspiração para novelas, filmes, seriados, quadrinhos e literatura.

Ao elaborar as crônicas tomando como ponto de partida objetos simples e corriqueiros utilizados no cotidiano, tenho a intenção em convocar o aluno/leitor a ficar mais atento à sua realidade circundante quanto à Antiguidade como presença. Pois sempre as sociedades utilizam as percepções subjetivas sobre o passado para se construírem [Garrafini; Funari; Silva, 2019, p. 313].

Desinfetante *Ájax*, sabonete *Phebo*, *legging* *Atena*, fogão *Afrodite*, lâminas para depilação *Vênus* e o alvejante *Olimpo*. Eletrodomésticos, roupas, produtos de limpeza e higiene pessoal: esses são alguns exemplos da variedade de produtos que levam nomes com inspiração em aspectos da Grécia Antiga. Em sala de aula, utilizo as crônicas para iniciar uma discussão que pode se envolver vários questionamentos: O aluno/leitor percebia anteriormente que o produto que ele utiliza possui nomenclatura que é uma forma de uso Antiguidade? De onde vem a inspiração para que X produto fosse nomeado dessa maneira? Poderíamos fazer uma ligação entre a função/objetivo do produto e a sua nomenclatura?

Nas discussões em torno das crônicas surgem as mais variadas respostas, intervenções e memórias dos alunos. Percebo que esses momentos me proporcionam a oportunidade de apresentar fontes relacionadas à Grécia antiga, como os poemas épicos e trágicos, e autores que realizam estudos modernos sobre o conteúdo das crônicas. Apresento-os com o propósito de propiciar a comparação entre as informações disponibilizadas pela academia, às fornecidas pela indústria cultural e as ideias que trazemos em nosso imaginário, buscando diferenças e semelhanças. Ao longo da construção das crônicas e das discussões que se realizam tendo-as como norteadoras, pode-se perceber que muitos produtos comercializados na atualidade também fazem usos do passado do mundo antigo greco-romano, pois:

"[...] configuram processos de construção de legitimidades, memórias e imaginários. Em parte, tais construções são geradoras ou são geradas pelo fascínio e sedução que temas relativos ao Egito antigo, Grécia e Roma antiga suscitam nos indivíduos e nos grupos sociais. Devemos levar em conta que o mundo greco-romano denota para estes indivíduos, ou grupos

sociais, princípios relativos à civilidade, à justiça, ao conhecimento, à cultura e a razão. Valores legados ao homem moderno.” [Gralha, 2019, p. 299].

Ou seja, os produtos comercializados ao utilizar as divindades ou personagens das narrativas gregas antigas, buscam talvez convencer o seu consumidor que o seu produto pode proporcionar ou conter os princípios mencionados por Gralha [2019]. Além dos elementos citados pelo autor e na tentativa de completar a sua linha de raciocínio, com as crônicas *0,50 centavos de Grécia Antiga* tenho a intenção de se fazer perceber que provavelmente a indústria também intenciona “vender” através de seus produtos a beleza, a sensualidade, a masculinidade, a prosperidade, a sabedoria, a força e a resistência, quando evoca a Grécia dos antigos na contemporaneidade.

As crônicas se tornaram nas aulas uma via de aprendizagem significativa, aumentando a compreensão e retenção de vários aspectos do conteúdo da disciplina Grécia Antiga. Muitos alunos se mostraram surpresos ao longo das discussões com as descobertas e passam a fazer sugestões voluntariamente de temas para futuras crônicas, pois a partir de então muitos alunos identificaram outros produtos, instituições, empresas, indumentárias com possíveis relações de usos do passado na modernidade. Também passam a perceber a Grécia antiga como uma presença na atualidade, o que faz se tornarem um pouco mais interessados e receptivos com a disciplina. Tais consequências venham talvez contemplar em certos aspectos, o que Ronca [1980, p. 62] menciona em relação à efetivação da aprendizagem significativa:

“[...] duas outras condições devem ser satisfeitas [...]: o aluno deve manifestar uma [...] disposição para relacionar, não arbitrária, mas substancialmente, o material novo com a sua estrutura cognitiva e também o material a ser aprendido de ver potencialmente significativo para aquele aluno em particular”.

Leandro Karnal organizou o livro *História em sala de aula*, reunindo uma série de estudiosos das diversas áreas historiográficas onde cada um propõe sugestões e novas vias do ensino de História. Entre tais pesquisadores se encontra Funari [2007] que apresenta uma série de possibilidades para o ensino de História antiga em sala de aula, e dentre elas encontramos a oportunidade de relacionar a Antiguidade com o mundo contemporâneo em que vivemos. Porém, para atingirmos tal objetivo é necessário a “[...] ativação da capacidade de reflexão do aluno, diante das interpretações e aguçamento de sua curiosidade intelectual”. [Funari, 2007, p. 99].

A experiência em produzir e utilizar em sala de aula as crônicas *0,50 centavos de Grécia Antiga* vem demonstrando a viabilidade do desenvolvimento da curiosidade, da discussão, da aprendizagem e da significação de diversos aspectos da História antiga tomando como ponto de partida elementos do nosso cotidiano, pois a Antiguidade oferece

esclarecimentos para questões relacionadas a alteridades, resistências, permanências e identidades que compõem a contemporaneidade.

Referências

Doutoranda Jacquelyne Taís Farias Queiroz é professora de História Antiga [UNEB/Campus XVIII].

Blog *Sofia e as Corujas* [link para acesso:
<https://sofiaecorujas.blogspot.com/>]

Bibliografia

CORDEIRO, L. H. B.; SOUZA NETO, J. M. G. História, quadrinhos, ensino de História antiga: panorama teórico-metodológico. *In: BUENO, A.; DURÃO, G. [org.]. Novos olhares para os antigos: interpretações da Antiguidade no mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Sobre Ontens, 2018. p. 253-286.*

FUNARI, P. P. A Renovação da História Antiga. *In: KARNAL, Leandro [org.]. História em sala de aula: conceitos e propostas. São Paulo: Contexto, 2007. p. 95-108.*

GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, P. P.; SILVA, G. J. Usos do passado e recepção: um debate. *In: GRALHA, J.; GARRAFFONI, R.S.; FUNARI, P.P.; RUFINO, R.; SILVA, G. J. da. [org.]. Antiguidade como presença: antigos, modernos e os usos do passado. Curitiba: Appris, 2019. p. 313-315.*

GRALHA, J. Antiguidade na Modernidade: os usos do passado como possível abordagem explicativa. *In: GRALHA, J.; GARRAFFONI, R.S.; FUNARI, P.P.; RUFINO, R.; SILVA, G. J. da. [org.]. Antiguidade como presença: antigos, modernos e os usos do passado. Curitiba: Appris, 2019. p. 297-312.*

ROCHA, U. Reconstruindo a História a partir do imaginário do aluno. *In: NIKITIUK, S. [org.]. Repensando o Ensino de História. São Paulo: Cortez, 2001. p. 47-66.*

RONCA, A. C. A teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel. *In: PENTEADO, W. M. A. Psicologia e Ensino. São Paulo: Papelivros, 1980. p. 59-83.*

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.*